

# TESTEMUNHO, EXTIMIDADE E A ESCRITA DE PRIMO LEVI

Lucíola Freitas de MACÊDO\*

- **RESUMO:** Este artigo visa discutir algumas questões relativas à literatura de testemunho. Enfoca em particular, a escrita de Primo Levi. Parte da hipótese de que escrever sobre a experiência do Campo de Concentração e ter se tornado escritor por causa dessa experiência, parece tê-la feito passível de ser vivida, com suas lacunas e seus impossíveis. Para esclarecer as relações entre a escrita e a experiência concentracionária no contexto da obra de Primo Levi, lançamos mão da noção de *extimidade*, de Jacques Lacan. Tal noção permite inferir que as relações entre escrita racional e escrita poética se inscrevem na obra de Levi, menos em uma relação dual de oposição binária e linear, que sob a perspectiva de uma exclusão interna. O testemunho de Primo Levi, lido à luz da noção de *extimidade* permite elucidar as diferenças entre o relato de uma experiência de vitimização, de um testemunho enunciado a partir de uma *êxtima*.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Primo Levi. Literatura de testemunho. Escrita. Trauma. Extimidade.

## Testemunho, escrita

No vasto âmbito da chamada literatura de testemunho, particularmente aquela que versa sobre os campos de concentração nazistas, a escrita de Primo Levi é conhecida por sua clareza, sobriedade e racionalidade, ainda que tais atributos sejam tidos como simplistas pela crítica literária (MESNARD, 2005, p.19). Para Philippe Mesnard, a preocupação com a clareza e transmissibilidade de suas idéias rendeu a Primo Levi a prerrogativa de “homem das Luzes”. De nossa parte inferimos que as Luzes terão sido sua bússola, e mesmo, seu ponto de partida, mas de modo algum o principal motor de sua experiência de escrita, e nem mesmo o ponto de chegada em seu itinerário de escritor. Sua escrita extrapola, desde o início intenções e razões.

---

\* UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Doutoranda em Conceitos Fundamentais em Psicanálise e Investigações no Campo Clínico e Cultural, na área de Estudos Psicanalíticos. Bolsista CAPES. Belo Horizonte, MG – Brasil. 31270-901 – luciola.bhe@terra.com.br.

Artigo recebido em 25/07/12 e aprovado em 31/10/12

Há por um lado, a decisão de satisfazer o dever moral, cívico e político de testemunhar sobre a sofisticada máquina de extermínio nazista, e sobre o modo como aqueles que ali adentraram se tornaram parafusos de sua engrenagem muda (LEVI, 2004b, p.182). Mas há, sobretudo, tal qual enuncia no prefácio à segunda edição de *É isto um homem?*, uma necessidade imperiosa e incontrolável de contar, além de um “ardor narrativo patológico” (LEVI, 1988a, p.179). Após a escrita do primeiro livro, Levi (2004b, p.184) relata que não poderia mais parar de escrever, pois o germe da escrita havia adentrado suas veias. Em seu breve prefácio, desvia o leitor dos detalhes atrozes, que supunha já bem conhecidos, para apontar o problema do racismo e da segregação:

Muitos, pessoas ou povos, podem chegar a pensar, conscientemente ou não, que “cada estrangeiro é um inimigo”. Em geral, essa convicção jaz no fundo das almas como uma infecção latente; manifesta-se apenas em ações esporádicas e não coordenadas... porém, quando o dogma não enunciado se torna premissa maior de um silogismo, então, como último elo da corrente, está o Campo de Extermínio (LEVI, 1988a, p.7, grifo do autor).

Discorre também sobre o que o pulsionou à escrita:

Se não de fato, pelo menos como intenção e concepção o livro já nasceu nos dias do Campo. A necessidade de contar “aos outros”, de tornar “os outros” participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares. O livro foi concebido para satisfazer essa necessidade em primeiro lugar, portanto, com a finalidade e liberação interior. Daí seu caráter fragmentário: seus capítulos foram escritos não em sucessão lógica, mas por ordem de urgência (LEVI, 1998, p.7-8, grifo do autor).

Desde então, a descida aos infernos havia lhe concedido, tal qual o Velho Marinheiro de S. T. Coleridge, o estranho poder da fala (LEVI, 2004b, p.274). São dignas de nota as várias menções feitas, ao longo de sua obra, à *Balada do velho marinheiro* (COLERIDGE, 2005)<sup>1</sup>. A primeira delas aparece em *A tabela periódica* (LEVI, 1994), onde explicita seu recurso pulsional à escrita<sup>2</sup>:

---

<sup>1</sup> Levi faz menção ao verso 582-5 da *Balada do Velho Marinheiro* de S.T. Coleridge (2005) no primeiro verso do poema “Il superstite”, escrito em 1984, de onde advém o título da coletânea de poemas *Ad ora incerta* (LEVI, 1984), publicada no mesmo ano. Novamente faz uso dos primeiros versos do poema como epígrafe em *Os afogados e os sobreviventes* (LEVI, 2004a)

<sup>2</sup> O título de seu último livro *Os afogados e os sobreviventes* (LEVI, 2004a), foi inspirado em um dos versos do poema “25 febbraio 1944” (1988b, p.527). Do mesmo modo, o título do seu primeiro livro, *É isto um*

[...] eu retornara do cativeiro há três meses, e vivia mal. As coisas vistas e sofridas me queimavam por dentro; me sentia mais perto dos mortos que dos vivos, culpado de ser homem porque os homens edificaram Auschwitz, e Auschwitz engolira milhões de seres humanos assim como muitos amigos meus e uma mulher que levava no coração. Me parecia que, para purificar-me, só através da narração, e me sentia como o Velho marinheiro, de Coleridge, que segura pelo caminho os convidados que vão à festa para infringir – lhes sua história de malefícios. Escrevia poemas concisos e sangrentos, narrava vertiginosamente, tanto por escrito como oralmente, tanto que pouco a pouco nasceu daí um livro: escrevendo encontrava um pouco de paz e me sentia de novo um homem, igual a todos, nem mártir nem infame e muito menos santo, um daqueles que criam família e olham para o futuro antes que para o passado (LEVI, 1994, p.151).

Levi (1998, p.179) comenta que na maioria das vezes suas narrativas escritas são precedidas de uma prática da oralidade. E chega a declarar em entrevista que sua existência foi desenhada por dois fatos fundamentais: primeiro, ter estado em Auschwitz; segundo ter escrito sobre Auschwitz. Mas sua escrita capta e transmite o que não se deixa reduzir à dimensão dos fatos, e que ele situa na dimensão do que chama de acontecimento. Para ele o acontecimento é algo que está para além dos fatos, como também da verdade. Não pode ser expresso em termos lógico-rationais, uma vez que não é redutível ao primado da razão (CEREJA, 2010).

Ainda sobre a questão da designação de Levi como “homem das Luzes”, Philippe Mesnard (2005) tece uma interessante reflexão, explicitando outra faceta de Levi, aquela de homem dividido. Tal divisão marca e se realiza no próprio estilo do escritor, através da tensão permanente entre o que chama de escrita racional e escrita poética. Assim escreve Mesnard (2005, p.23):

Levi pode ter sido um homem do Iluminismo, mas não pôde, depois de Auschwitz, desviar o olhar da escuridão que escava, esburaca, fura desde então a clareza do entendimento, e contra qual a clareza deve lutar, como se tratasse de lutar contra si próprio. O Iluminismo, e a relação da língua à razão, passaram a ter outra cor após Auschwitz.

São dignas de nota, tanto nos registros escritos que deram origem a *É isto um homem?* (LEVI, 1988a), quanto naqueles que, em *A trégua* (LEVI, 2010) narram a sua viagem de retorno, as conexões entre acontecimentos, sonhos, poemas e intermitências, opacidades, lacunas. O poema tem na obra de Levi um caráter fundador, primário. Sobre esse aspecto de sua escrita, pesquisadores redigiram ensaios

---

*homem?*(LEVI, 1988a), adveio do poema Shemà (1988b, p.529).

e estudos, tais como *Ulysse à Auschwitz*, no qual François Rastier (2005) se dedica a demonstrar a anterioridade lógica do poema em relação à prosa na obra de Levi, partindo da evidência de que o título de suas principais obras testemunhais advém de seus poemas. Os períodos em que Levi escreveu a maior parte de seus poemas, a saber, 1946 e 1984, precederam suas principais obras de testemunho: *É isto um homem?* de 1947 (LEVI, 1988a) e *Os afogados e os sobreviventes* de 1986 (LEVI, 2004a).

Tal intermitência não deixa de evocar a pulsação própria ao inconsciente e suas formações, que fulgurantes, se constituem por um instante, desaparecendo no instante seguinte. Levi parece fazer um exercício de registro de tais formações através do recurso ao poema. Relatou em entrevistas e escritos que as poesias vieram primeiro que a prosa:

[...] pareceu-me que a poesia era melhor que a prosa para exprimir aquilo que me oprimia. Quando eu falo de <<poesia>>, eu não penso em nada de lírico. Naquela época, eu havia reformulado a frase de Adorno<sup>3</sup>: depois de Auschwitz, não é mais possível escrever poesia, que sobre Auschwitz (LEVI, 1998, p.138).

Em entrevista concedida a Ferdinando Camon (1991) associa a necessidade imperiosa de contar que deu origem ao seu primeiro testemunho a um sonho de repetição ocorrido durante o confinamento. Levi sonha que está de volta, com sua família, que lhes conta o que lhe aconteceu, mas ninguém o escuta. Agrega que se naquele momento, o entrevistador lhe pedisse para ir mais longe, em sua tentativa de dizer-lhe de onde vem essa necessidade de contar, não conseguiria responder-lhe, poderia apenas dizer-lhe que tem a impressão de que o ato de escrever equivale para ele, a deitar-se no divã de Freud.

É possível associar o que Levi nomeia como uma necessidade imperiosa de contar, à declaração de que escrevia porque não poderia não escrever, uma vez que desde os tempos de confinamento, ao lado do profundo desejo de sobreviver, afirma outro desejo muito intenso, o de escrever, ainda que naquele momento não soubesse se estaria a altura de cometer esse ato.

Levi testemunha em sua experiência de sobrevivente o modo singular como é tocado por seu inconsciente. Sonho e poesia caminham lado a lado, em sua tentativa imperiosa de simbolizar o encontro traumático com o real que lhe escapa e resiste à simbolização. Os sonhos de repetição supõem a evidência de um trauma. O poema que abre *A trégua* (LEVI, 2010), livro em que narra sua viagem de volta à Itália, é quanto a esse ponto exemplar:

---

<sup>3</sup> A propósito da declaração de Theodor Adorno (1993, p.26): “Escrever um poema após Auschwitz é um ato bárbaro [...]”.

Sonhávamos nas noites ferozes  
Sonhos densos e violentos  
Sonhados de corpo e alma:  
Voltar; comer; contar.  
Então soava breve e submissa  
a ordem ao amanhecer:  
“Wstawác”;  
E se partia no peito o coração.

Agora reencontramos a casa,  
Nosso ventre está saciado,  
Acabamos de contar.  
É tempo. Logo ouviremos ainda  
o comando estrangeiro:  
“Wstawác”. 11/01/1946 (LEVI, 2010, p.5)

O sonho, objeto do poema que abre o testemunho acima mencionado, é também aquele que fecha o mesmo livro, desta vez, escrito em forma de narrativa:

É um sonho dentro de outro sonho, plural nos particulares, único na substância. Estou à mesa com a família, ou com amigos, ou no trabalho, ou no campo verdejante: um ambiente, afinal, plácido e livre, aparentemente desprovido de tensão e sofrimento; mas mesmo assim, sinto uma angústia sutil e profunda, a sensação definida de uma ameaça me domina. E, de fato, continuando o sonho, pouco a pouco ou brutalmente, todas as vezes de forma diferente, tudo desmorona e se desfaz ao meu redor, o cenário, as paredes, as pessoas, e a angústia se torna mais intensa e mais precisa. Tudo agora tornou-se um caos: estou só no centro de um nada turvo e cinzento. E, de repente, sei o que isso significa, e sei também que sempre soube disso: estou de novo no Lager, e nada era verdadeiro fora do Lager. De resto, eram férias breves, o engano dos sentidos, um sonho: a família, a natureza em flor, a casa. Agora esse sonho interno, o sonho de paz, terminou, e no sonho externo, que prossegue gélido, ouço ressoar uma voz, bastante conhecida; uma única palavra, não imperiosa, aliás breve e obediente. É o comando do amanhecer em Auschwitz, uma palavra estrangeira, temida e esperada: levantem, “Wstawach” (LEVI, 2010, p.212-213).

## Luzes, sombras

A escrita irrompe, de início, de uma necessidade incontornável de contar, mas tal necessidade se transforma e ganha corpo, ao longo de sua trajetória de escritor. Primeiro, através da poesia e do testemunho, e então, do conto. De modo diferente do compromisso com a verdade, fortemente presente em sua narrativa testemunhal, há nos contos, um movimento em direção à ficção e à invenção.

Para Marco Belpoliti (2010), Primo Levi é fundamentalmente, um escritor de contos. Ele é também um narrador estranho. Não é possível enquadrá-lo em categorias literárias pré-estabelecidas. Híbrido, impuro, espúrio – um centauro – como ele próprio se auto nomeava. Realista e fantástico, superficial e profundo, claro e obscuro, clássico e pastiche, escritor e não escritor, afogado e sobrevivente. Esconde sua profundidade e obscuridade na superfície cristalina das palavras. Através da paródia mantém e dá corpo a uma tensão dual e ineliminável, não para distanciar-se da realidade, mas para contá-la em seu “isso é demasiado”. Mesmo suas páginas mais claras, mesmo as mais cartesianas, contém um objeto, um signo, um detalhe, um particular, um indicador linguístico, quase invisível, a nos advertir de que há ali algo sem solução, algo que resiste a qualquer solvente intelectual (BELPOLITI, 2002).

Percorrendo os rastros de luz que renderam a Levi a insígnia de homem das Luzes, mas principalmente seus diastemas e interstícios sombrios, ermos, desabitados, Belpoliti (2002) propõe duas vertentes fundantes da escrita de Primo Levi: por um lado, uma escrita clara, diurna, em primeira pessoa, da qual fazem parte os livros de testemunho e narrativas autobiográficas, ou, dizendo de outro modo, os escritos do eu. De outro, uma escrita obscura, noturna, visceral, que prefiro chamar de escritas do Isso, às quais pertencem suas obras de poesia e contos. Tal perspectiva desenha, por si só, uma singular topologia *chiaro-oscuro*, na qual vida/morte, humano/inumano, memória/esquecimento, bem/mal, se constituem em uma perspectiva de *extimidade*.

Em *A fugitiva*, para citar um conto, um conto, diz através de seu personagem, da sensação de ter uma poesia no corpo, pronta para ser fisgada em seu voo e pregada no papel como uma borboleta. Trata-se da mesma sensação:

[...] que antecede os ataques epiléticos: todas as vezes sentira um leve assovio nos ouvidos, um arrepio de espasmo que o percorreria da cabeça aos pés. Dissipados em poucos instantes o assovio e o espasmo, achava-se lúcido, com o grão da poesia claro e distinto; tinha apenas que escrevê-lo. Mas essa fulguração, esse processo fulminante em que a concepção e o parto se sucedem como o raio e o trovão, havia-lhe sido concedida apenas cinco ou seis vezes na vida (LEVI, 2005, p.447).

Em sua narrativa testemunhal, de onde advém suas obras mais conhecidas, tais como *É isto um homem* (LEVI, 1988a), *A Trégua* (LEVI, 2010), e ainda, em estilo mais ensaístico, *Os afogados e os sobreviventes* (LEVI, 2004a), prevalece uma escrita diurna, em primeira pessoa, uma escrita do eu, tributária do ser e de seu veio humanista. Neste âmbito, a escrita encontra suas raízes na narrativa oral, havendo uma antecedência do oral sobre o escrito.

Em sua obra de conto e de poesia perfila-se uma preponderância do registro escrito sobre o oral. Levi cunha seu estilo paródico, preenche de humor, ironia e ceticismo, percorrendo e brincando a cada vez com a fronteira entre o trágico e o cômico. Seus escritos de invenção são cunhados com os destroços de seu naufrágio, remetendo o leitor ao que fora deixado de fora da razão iluminista. Se há inicialmente, através de seu engajamento ético e intelectual, o narrar como dever de memória, no decorrer de sua obra são os escritos de invenção que ganham vida, viço, corpo, acabando por operar uma reviravolta, subvertendo o viés humanista que prevalecera até então. Seus contos não o libertam da memória ou do que quer que seja. Nestes, o extremo e extraterritorial do Campo se imiscui, “extimamente”, na vida cotidiana. Através dos contos fantásticos discorre sobre o princípio de irracionalidade contido na ciência, de seu inimaginável poder de criação e destruição, e dos os riscos de uma tecnologia autônoma e fora de controle, que poderá produzir, em última instância, a extinção simbólica do homem (DIAS, 2005).

A via do poema, por sua vez, privilegia a vertente material e pulsional da escrita: o traço o furo, e a letra. No poema, a escrita noturna ganha todo seu alcance e intensidade, de modo que o fazer corpo com a obscuridade e a luz encontram um lugar. Obscuridade e luz corporizam-se em escrita.

## **A química: o maior e mais solene poema**

Para Mesnard (2005) é a química quem conduz Levi à poesia. A conjugação entre química e poesia se dá por caminhos incomuns, que passam pelo realismo, pelo ciframento e materialidade da escrita, como também, pela via da metáfora, que transpostos por Levi para o poema e para a prosa, conferem à sua escrita a singularidade de seu estilo como escritor. A química como método de escrita se constitui, portanto, ao mesmo tempo como letra e metáfora, como quadro e moldura, não através de uma confusão de registros, mas de uma multiplicidade de planos, em cujo movimento, se realiza a qualidade literária de seu texto, como também sua literalidade.

Em *A tabela periódica* é possível entrever a que ponto Levi fez da química um método, nomeando os fragmentos de sua vida com os elementos da Tabela Periódica

de Mandelstam, que para ele, já desde os tempos de universidade, “[...] era uma poesia, maior e mais solene que todas as poesias digeridas no ginásio” (LEVI, 1994, p.47).

Inferimos, portanto, que a busca por clareza tenha sido seu ponto de partida, inspirado por seu gosto filosófico pelo iluminismo crítico e materialista (BEPOLITI, 2002), mas não o único motor da experiência de escrita, e nem mesmo o seu ponto de chegada, pois a escrita lhe permitiu constituir uma mudança de posição, uma subversão, e mais ainda, uma perspectiva absolutamente singular no que toca a obscuridade da experiência traumática. Isto porque ele se encontrou, no percurso de seu testemunho, com a impossibilidade de dizer TODA a verdade sobre o que viveu em Auschwitz.

Em psicanálise, diz-se que quando o discurso fundado sobre a verdade rateia, e não se pode ir adiante, encontra-se com um “não há”. Para Lacan, o que não se pode dizer, o furo no discurso, concerne o real, que por sua vez, é da ordem do *traumatisme*<sup>4</sup>. Tal neologismo foi criado por Lacan a partir da equivalência entre trauma e furo no discurso (MILLER, 2011, p.27). O que implica dizer que o trauma para a psicanálise não pode ser pensado tendo como referência estrita o campo da realidade dos fatos.

## Escrita, “extimidade”

A noção de “extimidade” (LACAN, 1991, p.173.) permite inferir que a relação entre escuridão e clareza, entre escrita racional e escrita poética, se inscrevem na obra de Levi, menos em uma relação dual de oposição linear e binária, que sob a perspectiva de uma exclusão interna. Tal perspectiva permite apreender o modo através do qual Primo Levi, via escrita, recorta e subverte a escravidão à “coisa-nazista” e à “coisa-coisa”: “[...] existe um laço íntimo entre a obra precedente e este meu último livro. Em ambos o homem é reduzido à escravidão de uma coisa: a “coisa nazista” e a “coisa coisa”, isto é, a máquina (LEVI, 1997, p.150)<sup>5</sup>.

A constituição, por Primo Levi, de uma perspectiva de *extimidade* no que concerne a experiência concentracionária através de seu testemunho oral e escrito, parece ter tornado a experiência do Campo de Concentração passível de ser suportada, falada e até mesmo, vivida, com suas lacunas e seus impossíveis, com seu “não há”.

<sup>4</sup> Tal neologismo, produto da conjunção entre *trou*, furo, e *traumatism*, aparece por primeira vez no Seminário XXI: *Les non-dupes errent*, na aula de 19 de fevereiro de 1974 (inédito).

<sup>5</sup> O último livro ao qual Primo Levi se refere é *Histórias Naturais*, primeira coletânea de contos publicada em 1966, sob o pseudônimo de Damiano Malabaila. Quanto a sua obra precedente, refere-se especialmente às suas primeiras obras de testemunho *É isto um homem?* de 1947 (LEVI, 1988a), e *A trégua*, de 1963 (LEVI, 2010), respectivamente.

O neologismo *extimidade* foi empregado pela primeira vez por Lacan no *Seminário 7, A ética da psicanálise* (LACAN, 1991). Posteriormente, no *Seminário 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (LACAN, 1988), extrai desta noção importantes consequências, especialmente no que concerne o lugar do sujeito no campo do Outro, e ainda, no *Seminário 16, de um Outro ao outro* (LACAN, 2008, p.219), discorre à propósito da Coisa (*das Ding*), da posição feminina e da iminência intolerável do gozo, em que o Outro seria apenas “uma terraplanagem higienizada”.

A perspectiva da *extimidade* responde, fundamentalmente, ao estatuto do inconsciente, uma vez que este formaliza a estrutura de uma exterioridade ao mesmo tempo periférica e central (MILLER, 2010). O problema da *extimidade* responde em psicanálise ao princípio da não identidade de si consigo mesmo. Em “A instância da letra no inconsciente”, Lacan (1998, p.528) interroga: “[...] qual é esse Outro com o qual estou mais ligado que comigo mesmo, posto que no seio mais assentido da minha identidade comigo mesmo, é ele quem me agita?”. O paradoxo do Outro interior implica em uma fratura na noção de identidade pessoal. Nessa perspectiva, na medida em que é absolutamente distinta da pura exterioridade, a *extimidade* designa um hiato, uma lacuna, no lugar em que se esperaria encontrar as vestes imaginárias da identidade de si consigo mesmo, como também, uma identidade homogênea de um povo, raça, ou nação. Para Lacan, o inconsciente freudiano formalizou a incidência de uma *estrangeiridade* ineliminável na relação do sujeito com o Outro, consigo mesmo, e com a língua. Esta é a raiz da noção de *extimidade*.

À medida que a pressão do discurso científico se exerce no sentido da uniformização e homogeneização dos modos de satisfação e de vida de um sujeito, grupo e/ou população, elidindo o ponto de *extimidade*, o disforme tende a manifestar-se de modo grotesco e monstruoso. Esse tema é amplamente abordado por Primo Levi em seus contos, através dos quais parodia os progressos da ciência e da técnica e se diverte com seus produtos e consequências absurdas e paradoxais. Em *Histórias naturais e Vício de forma*, cujos contos foram traduzidos para o português em *71 Contos de Primo Levi* (LEVI, 2005), publica seus principais contos fantásticos, recriando ora de modo tragicômico, ora através do recurso ao humor negro, as aporias do homem assujeitado à “coisa-coisa”, quer dizer, à máquina, que em seus contos funciona como uma metáfora da “coisa-nazista” (LEVI, 1998, p.151).

A aspiração à universalização e a uniformização encontra obstáculos naquilo que é estritamente particular e não universalizável. Para Lacan o que não é universalizável é o modo singular de gozo, avesso à uniformização e ao progresso. O disforme do gozo obstaculiza a homogeneidade e universalidade dos ideais (MILLER, 2010). Nessa perspectiva, o que funda verdadeiramente a alteridade do Outro não seriam as diferenças linguísticas, econômicas, culturais, raciais ou de gênero, mas o modo singular de gozo.

Os imperativos de uniformização e homogeneização tendem a produzir, também, efeitos paradoxais. Esse problema nos interessa na medida em que incide e esclarece quanto às questões da segregação e do racismo, uma vez que é preciso interrogar a tolerância ou intolerância mais além do campo dos ideais da cultura, no campo da tolerância ou intolerância ao gozo do Outro, ao que há nele de não-uniformizável, de não semelhante. É em relação ao gozo do Outro que se dirige o que é odiável, intolerável. Odeia-se a maneira particular e dessemelhante através da qual o Outro goza. Os anteparos que se constroem na civilização, como defesas e superestruturas, com a finalidade de recobrir o hiato indelével da identidade de si consigo mesmo, assim como aquele da alteridade do Outro, fazem com que a tensão e a opressão próprias ao ponto de *extimidade*, seja sentida como vinda unicamente do exterior.

Lacan (2003) mostrou-se particularmente sensível a esse ponto<sup>6</sup> na “Proposição de 9 de outubro de 1967”. Nesse texto associa a facticidade real do advento dos Campos de Concentração “às consequências do remanejamento dos grupos sociais pela ciência, e nominalmente, da universalização que ela introduz”. Afirma ainda, em 1967, que o “[...] futuro de mercados comuns encontrará seu equilíbrio numa ampliação cada vez mais dura dos processos de segregação” (LACAN, 2003, p.263).

Lacan nomeou de objeto *a* o que resta da Coisa no Outro, ou dizendo de outro modo, o que resta da operação de significantização do gozo pela linguagem. O objeto *a* não é a Coisa, mas um resto de Coisa. A *extimidade* indica o que esse resto de Coisa tem de heterogêneo em relação ao Outro, e ao mesmo tempo, de localizável a partir do Outro. Em psicanálise, só é possível alcançar esse resto de Coisa a partir do Outro (MILLER, 2010). Isso significa que esse resto de Coisa não está dado, não existe na natureza, nem na realidade, não é um fenômeno, mas um produto da operação significante, e serviu a Lacan, durante um período de seu ensino, para indicar e formalizar a presença do real no simbólico (CARRABINO, 2005).

Convém ainda lembrar as circunstâncias nas quais Lacan constituiu este neologismo, remetendo-o à noção *das Ding* na confluência entre Freud (1977) e Heidegger (2006). Lacan designou por *das Ding* isso que é anterior ao significante, que se encontra fora do campo do significado, sob a forma de uma relação *pathética* de afeto primário, designado por ele como “realidade muda” (MILLER, 2010, p.20). Quanto a este ponto, acredito que o testemunho de Levi (1988a) tenha se constituído no esforço contínuo e ininterrupto, que o moveu sem cessar, durante toda a sua vida, por dar voz e fazer falar a realidade muda do Campo de Concentração, recortando, fragmentando, com o gume das palavras, o monolito da “Coisa nazi”, em resto de Coisa (MILLER, 2010, p.447).

---

<sup>6</sup> Vale consultar a criteriosa análise feita por Simone Pinho Ribeiro (2009) em sua dissertação de Mestrado *Lacan e o Campo de Concentração*.

A noção de *extimidade* permite lançar novas luzes a propósito deste “fora” que há no “interior”, justo no ponto em que é possível problematizar o uso simplista dos binômios interior/ exterior, inclusão/exclusão, vítima/algoz, comumente encontrados na literatura de testemunho. A noção de *extimidade* se funda sob uma perspectiva diferente daquela que opera através de pares de oposições complementares e simétricos.

É possível também inferir que o inominável e impronunciável, o impossível de dizer, tanto no campo da experiência analítica, quanto naquele do testemunho de Primo Levi, remetam ao campo da significação do gozo. É isso que nos faz falar, mas não nos livra do gozo. Talvez isso explique, ao menos em parte, porque Levi não parou mais de relatar e de escrever, porque ele não se deteve ou se sentiu liberado de uma vez por todas após ter escrito seu primeiro testemunho. Tal qual Lacan, também fora herético. Sua heresia consistiu em não sair do campo da linguagem, em permanecer nele, e assim fazer entrar o impensável no pensamento, o irrepresentável na representação, fazendo deste limiar às vezes fronteira, às vezes abismo.

A discussão sobre o caráter lacunar no âmbito da literatura de testemunho é um tema amplamente discutido no âmbito da crítica literária. Philippe Mesnard (2007a) defende que mais além do gênero, da periodização, e dos critérios biográficos, o *corpus* testemunhal partilha uma qualidade testemunhal que lhes é específica. Essa qualidade é dada justamente por seu funcionamento lacunar. Os testemunhos “[...] significam mais do que dizem e por isso sua língua inclui em seu próprio funcionamento múltiplos espaços vazios, desvios e marcas que correspondem a zonas de não saber” (MESNARD, 2007a, p.38). De acordo com Mesnard, o que causa e ao mesmo tempo engendra o texto testemunhal é seu caráter lacunar. A lacuna não só o constitui, mas seu dispositivo geral se constrói e funciona em torno dela, e não retrospectivamente, com o propósito de preenchê-la. São as lacunas que determinam a literalidade do testemunho. No texto testemunhal, lacuna, e poeticidade se superpõem e se correspondem. É essa literalidade o que é fortemente negligenciado pelas instituições memoriais, que se interessam exclusivamente pelo valor documental e informativo naquilo que se diz. Se a violência não é exterior à linguagem, trata-se menos de transmitir conteúdos, que certa qualidade de silêncio. Há no testemunho saber parcial e não saber. A lacuna advém no lugar das expectativas vitimizantes, obscenas, ávida de detalhes descritivos. Tal perspectiva se esforça por não recompor ou preencher seus vazios, substituindo-os por figuras saturadas de sentido (MESNARD, 2007b).

Quanto a perspectiva da psicanálise, é possível inferir que a arte no contexto da Shoah, e a literatura de testemunho mais especificamente, evoquem não propriamente uma ausência ontológica de representação, mas um furo no simbólico, e concerne o campo do real. Tal discussão convoca o problema da representabilidade/ irrepresentabilidade, e da dizibilidade/ indizibilidade da experiência concentracionária.

Nesse contexto, a abordagem de Lacan à letra encontra toda sua pertinência, pois não estabelece uma fronteira linear e simétrica entre o dizível e o indizível, subverte seus limiares e litorais, objetando que o sem sentido obra no próprio sentido (MILNER, 2007). Ao que indagamos ao modo de uma hipótese, se sentido e sem sentido, representável e irrepresentável, dizível e indizível, também não estariam melhor situados numa relação de exclusão interna, de *extimidade*. O meio-dizer da verdade, nessa perspectiva, remete menos a uma fronteira fixa, que ao que não se deixa capturar, a cada vez, por meio da significação.

Primo Levi constituiu um primeiro ponto de *extimidade* à coisa nazi através do que ele nomeou de sua “anfibiologia”, e se valeu desta de diferentes modos, em diferentes momentos de sua vida. Quando entrevistado por Edoardo Fardini, em 1966, momento em que publicou seus primeiros contos fantásticos, enuncia:

Eu sou um anfíbio [...]. E me parece que a ambiguidade da ciência ficção reflete minha condição atual. Estou dividido em duas metades. A primeira é a da usina, em que sou um técnico, um químico. A outra, ao contrário, é completamente independente da primeira, e aquela com a qual eu escrevo, respondendo às entrevistas e trabalho sobre minhas experiências passadas e presentes... trata-se de uma falha paranóica (LEVI, 1998, p.110-111).

É interessante notar que vinte anos mais tarde, em setembro de 1986, quando entrevistado por Philip Roth (2008), Levi parece encontrar outro estatuto, e mesmo, outro lugar para sua condição de anfíbio. O escritor e o químico encontram um enlace possível, e uma nova topologia.

Roth evoca nessa entrevista, uma passagem de *A tabela periódica*, em que Levi (1994) declara que em 1938, quando começaram a vigorar as leis raciais, passara a se orgulhar de ser impuro, para então indagar sobre a tensão entre seu arraigamento e sua impureza, sobre sua sensação de ser um grão de sal ou de mostarda. Levi responde que não vê nenhuma contradição entre seu arraigamento e se sentir um grão de mostarda, e ainda, que para se sentir como alguém que dá gosto à vida não é preciso leis raciais, antisemitismo ou racismo em geral: “às vezes, é interessante não ser puro”. Agrega, ainda, que sua sensação de ser diferente mudou de natureza:

À minha maneira, continuo sendo uma impureza, uma anomalia, mas agora por motivos diferentes dos anteriores: nem tanto por ser judeu, mas por ser um sobrevivente de Auschwitz e um escritor *outsider*, que não pertence ao mundo literário ou universitário, e sim ao mundo industrial [...]. (LEVI apud ROTH, 2008, p.21-22).

O que terá mudado de natureza? O estatuto ontológico de “ser judeu” terá perdido sua primazia, para o acontecimento de ter sobrevivido, indissociável, por sua vez, daquele de ter se tornado um *escritor outsider*? A falha paranóica terá se transformado, via escrita, em lacuna? Não seria a lacuna o operador fundamental da *extimidade*? A Coisa Nazi terá sido fragmentada em coisa-coisa, e por fim, em resto de coisa?

O testemunho de Primo Levi, lido à luz da noção de *extimidade*, permite ainda, elucidar as diferenças entre o relato de uma experiência de vitimização, e/ou de exclusão, de um testemunho que se enuncia a partir de uma perspectiva *êxtima*. As narrativas de exclusão parecem se apoiar e se constituir exclusivamente no plano imaginário, segundo uma lógica dual e linear, que restringe os problemas ao par problema/solução, paradigma no qual também se inscreveu e se criou a máquina nazista (MILNER, 2003). O testemunho de *extimidade*, por outro lado, concerne a posição do sujeito em sua relação com o inconsciente, decorrentes de uma implicação ética frente ao real traumático. No segundo caso, estaríamos diante de um tipo de lacuna diferente daquela encontrada no primeiro — não de uma lacuna produzida por uma pura ejeção do campo do Outro, e anulação do sujeito, mas daquela própria à insondável decisão do sujeito face ao encontro com o real traumático, e de sua decisão ética de testemunhar. No caso de Primo Levi, além da necessidade imperiosa de contar, ele parecia saber que não haveria como sair da experiência do Campo, restando-lhe adentrar, até os seus confins, *linguageiramente*, nela.

MACÊDO, L. F. de. Testimony, extimacy, and Primo Levi's writings. **Revista de Letras**, São Paulo, v.52, n.1, p.51-65, jan./jun. 2012.

- **ABSTRACT:** *This paper discusses some issues concerning the literature of testimony, particularly Primo Levi's writing. We start from the hypothesis that writing about the experience of the concentration camp and becoming a writer because of that experience seems to have made it likely to be lived, with its gaps and its impossibilities. To clarify the relationship between writing and the experience of the concentration camp in the context of the work of Primo Levi, we employ Jacques Lacan's concept of extimacy. This concept allows us to infer that the relationship between rational writing and poetic writing is inscribed in the work of Levi, less in a dual relationship of binary and linear opposition than from the perspective of internal exclusion. Primo Levi's testimony, read in light of the concept of extimacy, may elucidate the differences between the testimony as an experience of victimization and the testimony as an experience of extimacy.*
- **KEYWORDS:** *Primo Levi. Literature of testimony. Writing. Trauma. Extimacy.*

## Referências

- ADORNO, T. **Mínima moralia**. São Paulo: Ática, 1993.
- BELPOLITI. Animal i fantasmí. IN: LEVI, P. **L' ultimo natale di guerra**. Torino: Einaudi, 2002. p.131-141.
- \_\_\_\_\_. El centauro y la parodia. **Página 12**, [Buenos Aires], 21 marzo 2010. Disponível em: <<http://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/libros/10-3768-2010-03-21.html>>. Acesso em: 20 jun. 2012.
- CAMON, F. **Conversations avec Primo Levi**. Paris: Gallimard, 1991.
- CARRABINO, R. **Extimidade. Scilicet dos nomes-do-pai**: textos preparatórios para o Congresso de Roma. Rio de Janeiro: EBP, 2005. p.50-51.
- CEREJA, F. Contra o esquecimento. In: LEVI, P. **Dever de memória**. Lisboa: Cotovia, 2010. p.81-92.
- COLERIDGE, S. T. **A balada do velho marinheiro**. Tradução e notas de Alípio Correia de Franca Neto. Cotia: Ateliê, 2005.
- DIAS, M. S. Primo Levi e o zoológico humano. In: LEVI, P. **71 contos de Primo Levi**. São Paulo: Cia das Letras, 2005, p.9-20.
- FREUD, S. Projeto de uma psicologia científica. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p.381-517.
- HEIDEGGER, M. A Coisa. In: \_\_\_\_\_. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2006. p.143-164.
- LACAN, J. **O seminário, livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988.
- \_\_\_\_\_. **O seminário, livro 7**: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1991.
- \_\_\_\_\_. A instância da letra no inconsciente. In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998, p.496-533.
- \_\_\_\_\_. Proposição de 9 de outubro de 1967. In: \_\_\_\_\_. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003, p. 248-264.
- \_\_\_\_\_. **O seminário, livro 16**: de um outro ao outro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.
- LEVI, P. **Ad ora incerta**. Milano: Garzanti, 1984.

- \_\_\_\_\_. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988a.
- \_\_\_\_\_. **Opere, volume secondo, romanzi e poesie.** Torino: Einaudi, 1988b.
- \_\_\_\_\_. **A tabela periódica.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Conversazioni e interviste.** Torino: Einaudi, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Conversations et entretiens.** Paris: Robert Laffont, 1998.
- \_\_\_\_\_. **I sommersi e I salvati.** Torino: Einaudi, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Os afogados e os sobreviventes.** São Paulo: Paz e Terra, 2004a.
- \_\_\_\_\_. **L'asymétrie et la vie.** Paris: Robert Laffont, 2004b.
- \_\_\_\_\_. **71 contos de Primo Levi.** São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- \_\_\_\_\_. **A trégua.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- MESNARD, P. Un texte sans importance. In: LEVI, P. **Rapport sur Auschwitz.** Paris: Kimé, 2005. p.9-47.
- \_\_\_\_\_. Écritures d'après Auschwitz. **Tangence,** Montréal, n.83, p.25-43, 2007a. Disponível em: <<http://id.erudit.org/revue/tce/2007/v/n83/016763ar.html?vue=resume>>. Acesso em: 20 jun. 2012.
- \_\_\_\_\_. **Témoignage em résistance.** Paris: Stock, 2007b.
- MILLER, J-A. **Extimidad.** Buenos Aires: Paidós, 2010.
- \_\_\_\_\_. A psicanálise, seu lugar entre as ciências. **Correio,** São Paulo, n.69, p.15-30, 2011.
- MILNER, J.-C. **Les penchants criminels de l'Europe démocratique.** Paris:Verdier, 2003.
- \_\_\_\_\_. De la linguística a la linguistería. In: AUBERT, J.; CHENG, F.; MILNER, J. – C. **Lacan, lo escrito, la imagen.** Buenos Aires: Del Cifrado, 2007. p.19-36.
- RASTIER, F. **Ulyse à Auschwitz.** Paris: Les Éditions du Cerf, 2005.
- RIBEIRO, S. **Lacan e o campo de concentração.** 2009. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- ROTH, P. **Entre nós.** São Paulo: Cia das Letras, 2008.

